**Os adolescentes nos meios digitais e seus novos laços**

**Adriana Chacín, Zulma Juchani, Nuris Martelo, Patricia Montoya, Marianna Tulli, Diego Tirado, Jaime Castro e Adolfo Ruiz (Relator)[[1]](#footnote-1)**

O título da Conversação relaciona três sintagmas – adolescentes, meios digitais e novos laços – que é possível abordar no singular de cada um deles e naquilo que se gera quando os enlaçamos entre si.

1. **À guisa de introdução**

*Por que não inventaram um aplicativo ou um aparelhinho que diga como conquistar uma garota?*

*Mas... Isto cada um tem que inventar.*

*(Um adolescente)*

Desta maneira põe em cena este adolescente, sem dúvida bastante esclarecido sobre si mesmo, não apenas algo que constitui o coração do processo adolescente e dos problemas dos laços humanos nesse particular momento da vida, mas o que no momento atual, a civilização lhes propõe como atrativos. Neste caso, a esperança de que algo da tecnologia possa resolver e evitar as angústias próprias da confrontação consigo mesmo que o encontro com o outro sexo exige.

Os meios digitais oferecem hoje aos adolescentes uma ampla gama de possibilidades de “fazer contato” com outros. Alguns desses contatos se fazem e se mantém exclusivamente no espaço virtual. Outros, ao contrário, migram do virtual ao encontro cara a cara e em outros casos são contatos que prolongam a relação já estabelecida previamente. De maneira inevitável, em cada caso se coloca em jogo modalidades singulares de gozo.

Enquanto analistas, Lacan nos exigiu alcançar em nosso horizonte a subjetividade da época. E a nossa é, entre outras características, uma época do declínio do Nome do Pai – não de sua desaparição, nos diz Miller[[2]](#footnote-2), que tem efeitos de desorientação, especialmente nos adolescentes, na medida em que mais que o falo e sua significação, é o objeto que comanda *parlêtre*[[3]](#footnote-3).

Surgem então perguntas sobre as modalidades de geração e construção de laços por parte dos adolescentes, quando suas vidas estão atravessadas pela multiplicidade dos recursos que a tecnologia lhes oferece, que sem dúvida são objetos de gozo que se articulam e têm efeitos nos laços entre eles.

Se na subjetividade de nossa época está presente a virtualidade, como situamos a relação entre laços “virtuais” e laços “reais”? A virtualidade se instala como corolário do enfraquecimento do simbólico[[4]](#footnote-4), mas não se trata de uma nostalgia de uma ordem anterior que hoje não temos. É necessário reconhecer os efeitos que um elemento como a virtualidade pode ter na configuração dos enodamentos do *parlêtre.* Em relação aos laços, como nota Marcus André Vieira, “nossa época demonstra claramente como os laços virtuais são também reais, a vida online é também vida”[[5]](#footnote-5).

A virtualidade tem consequências e implicações não apenas nos laços dos adolescentes com seus pares, mas também no laço consigo mesmo no que se refere às questões cruciais que o processo púbere mobiliza e em relação aos quais transcorre a adolescência, no laço com o Outro parental, com o Outro social, no laço com o saber, entre outros.

**II. Adolescência e adolescentes**

Recolhemos, em relação às adolescências e aos adolescentes, dois significantes: corte e comoção. Em relação ao que ocorre neste momento da vida, Freud introduziu na psicanálise a fórmula da metamorfose da puberdade. Lacan colocou em relevo o elemento do despertar. Ambos reconhecem este particular momento da vida como um momento de passagem, fecundo em consequências.

Miller se referiu à questão da adolescência afirmando que não há uma definição unânime da mesma, que se trata de uma construção. Afirma que, tal como estabeleceu Freud, existe a puberdade e as metamorfoses que ela comporta[[6]](#footnote-6). Assinala que a puberdade consagra a substituição da infância pela idade adulta. Reafirma que há nela algo da ordem do corte que se refere ao fato de que nas sociedades tradicionais os ritos de iniciação tinham como função metaforizar esse corte entre a infância e da vida adulta.

Pontua, como uma proposta de investigação a desenvolver, que o interesse da psicanálise na adolescência se situa em relação a certos elementos que ele agrupa da seguinte maneira:

1. A saída da infância, isto é, a puberdade como tal, momento em que o corpo do Outro entra na conta dos objetos do desejo.
2. A diferenciação sexual, tal como se inicia no momento da puberdade e pós-puberdade. Freud o estabeleceu e Lacan o reafirmou: A puberdade representa uma escansão, um corte no desenvolvimento, na história da sexualidade.
3. A reconfiguração do narcisismo: os modos de articulação do eu ideal e do ideal do eu, que se expressam na forma lógica que Lacan chamou de “intromissão do adulto” no adolescente.

Agora, além do corte, a adolescência não é sem comoção. Se a infância é um momento de tratamento do gozo autoerótico, a adolescência é, em essência, uma experiência de produção de uma resposta *sinthomática* de regulação de gozo, ante a emergência de algo do real, inédito, que irrompe na vida do *parlêtre.* Produzem-se as metamorfoses do corpo e da imagem de si, e o *parlêtre (falaser)* se verá chamado a cifrar, a escandir com significantes isso que irrompe e também a vesti-lo, a velá-lo com imagens. Enodamento do real, simbólico e imaginário.

Se o sexo faz furo no real[[7]](#footnote-7), cada púbere está chamado, então, a responder, a construir uma resposta sinthomática que torne possível esse enodamento. No processo, o adolescente reestruturará sua relação com o Outro, com o saber, com o outro sexo, com seu entorno e possibilidades.

Como incidem, facilitam ou obstaculizam este enodamento os meios digitais que, como temos dito, atravessam hoje de maneira intensa a vida de muitíssimos adolescentes?

**III. Laços e novos laços**

O adolescente não é sem seus laços. Nesta etapa “cada um busca seus apoios, sobretudo através de seus semelhantes”[[8]](#footnote-8). Os laços e apoios que ainda hoje contam para os adolescentes não são novos: a amizade e o amor. A figura do amigo tem relevância uma vez que constitui uma referência quando o adolescente se sente desamparado frente ao enfrentamento com a inconsistência do Outro parental e sobrecarregado pelo que se suscita para cada um frente aos mal-estares e angústias que o encontro com o Outro sexo desperta. A este respeito vale apena fazer menção a Freud e ter em mente algo do conteúdo de sua correspondência com seu amigo Eduard Silberstein no contexto da “Academia española”[[9]](#footnote-9). Em outra perspectiva, trágica desta vez, também isso se reflete na obra de Wedekind, da qual tanto Freud como Lacan se ocuparam.

A novidade introduzida pelo uso dos meios digitais e das comunidades virtuais nos leva a considerar seu impacto no *parlêtre* e seus laços. Mais além das novas formas de interação que os desenvolvimentos tecnológicos oferecem hoje aos sujeitos, como se configura a relação com o semelhante?

Um ponto que se deve levar em conta é que nos meios digitais e o no mundo virtual as referências lógicas com as quais concebemos e apreendemos o mundo (tempo, espaço, processamento de informação, público/privado) parecem não funcionar. Isto incide nas modalidades dos vínculos que ali se estabelecem. Há que se aceitar que os adolescentes geram e constroem laços sociais que não respondem aos cânones próprios das teorias onde se fundaram nossos saberes.

Observamos que seja através do mundo dos jogos online, da comunicação com outros via *chats*, da exposição e circulação de informações, fotos e vídeos por meio de diferentes redes sociais, etc., os adolescentes fazem contato com outros, conhecem, experimentam, sustentam certos encontros que em algumas ocasiões conduzem ao estabelecimento de laços, às vezes fugazes e sem maiores compromissos e outras vezes intensos e duradouros. Por esta mesma via, assim como se constroem, rompem-se as relações. Outros sustentam com seus pares de carne e osso uma espécie de relação na qual se mescla o encontro corpo a corpo e o encontro virtual.

Nos meios digitais e nas redes sociais, os significantes que designam os vínculos com o outro (contato, amigo, usuário), assim como o “protocolo” a seguir no estabelecimento do contato (enviar uma solicitação, incluir) e na gestão e manutenção do vínculo (marcar, comentar, curtir, bloquear, excluir), nos exigem repensar alguns aspectos. De um lado, o fato de que os espaços de referência tradicionalmente importantes no desenvolvimento do laço com os outros (por exemplo, a escola) foram ampliados em possibilidades inusitadas. Se seguem tendo importância, não têm hoje exclusividade. Estar conectado é hoje uma modalidade de laço. Mas como dizia o personagem de South Park, lembrado por Tarrab, são muitos adolescentes que poderiam afirmar que “meus contatos no *Facebook* são mais numerosos que os amigos que não tenho”[[10]](#footnote-10). Esta abertura quase infinita de possibilidades nos meios digitais, adverte-nos também Tarrab[[11]](#footnote-11), pode chegar a constituir-se, para alguns sujeitos hipermodernos, em uma floresta que gera a ilusão de tornar possível o impossível e de criar uma nova forma de relações sociais.

Um traço característico das relações nos meios digitais e no mundo virtual é a exclusão do corpo em sua materialidade. Estar com o outro sem estar com ele. Isto tem sua expressão mais acabada no fenômeno do *hikikomori*, nascido no Japão e em expansão hoje em muitos lugares. Mas apesar da ausência do corpo, não podemos desconhecer que a rede social virtual se constitui para alguns em um espaço para continuar a interação sustentada na vida *off line*, em um contínuo que os assim chamados “nativos digitais” habitam de maneira. Embora a vida *online* permita escamotear o encontro com a diferença sexual, em muitos casos não é sem efeitos sobre o corpo, ainda que se trate de um gozo narcisista.

A voz, que no uso dos dispositivos de comunicação como o telefone operam como substitutos da presença do corpo, que o representa, é substituída em muitos meios digitais populares hoje entre os adolescentes, pelo texto escrito. Assim, é frequente escutar que os jovens dizem que “falam” com o outro, quando o que se sucede é que estão escrevendo através de um *chat*. Muitos deles testemunham que o uso dos *chats* para “falar” é uma maneira de evitar o encontro com o corpo do outro, sobretudo naqueles casos onde o que está em jogo é a possibilidade do compromisso ou também da ruptura. Podemos dizer, então, que se trata de evitar a castração e o desencontro com o outro que ela acarreta. Nos meios digitais se produz também a ilusão de que é possível e fácil suprimir o mal-estar que se gera no vínculo com o outro: simplesmente se “elimina”, se bloqueia o outro da lista de contatos. O adolescente de hoje, capturado pelos atrativos do desenvolvimento tecnológico, pode tentar apagar qualquer índice de divisão subjetiva.

Na ausência do corpo, os vínculos e os laços tornam-se mediatizados pela circulação de imagens de diversos tipos, que convocam de maneira insistente o olhar do outro. Os referentes corporais de gestos são substituídos por ícones padrões, os conhecidos *emoticons*. O corpo se subtrai e em seu lugar chegam esses traços, peças soltas, que apenas atestam o vazio do outro.

No mundo dos meios digitais, a relação com o outro está mediatizada por meio do perfil que, tanto para meninas quanto para meninos, frequentemente são criados com grande cuidado. Ali projetam a imagem que querem construir e mostrar de si mesmos. A imagem que se “compartilha” opera como eu-Ideal para o sujeito. O perfil é seu relato pessoal no mundo virtual. É comum encontrar adolescentes que sustentam dois ou mais perfis, alguns deles privados ou de acesso limitado, dependendo do objetivo para o qual os criaram.

Em sua comunicação, também é comum para os adolescentes de hoje a modalidade “conversação” simultânea com várias pessoas, em uma condição que gera a ilusão de continuidade absoluta, de fluidez, de imediatismo. Esse “imediato” produz algumas vezes o oposto do que se espera, a procrastinação de que falava Miller referindo-se à adolescência que se prolonga[[12]](#footnote-12).

Aurélie Pfauwadel se refere aos dispositivos de acesso ao ambiente digital virtual e indica, retomando o conceito de “Latusas” do seminário 17 de Lacan, que estas “... forcluem a castração e mantêm velada atrás da tela, a dimensão real e pulsional destes objetos”[[13]](#footnote-13).

Serge Cottet, por sua parte, fala dos meninos colados às telas dos dispositivos móveis, negociando e programando o *encontro,* que se refere como a “forma moderna de não relação sexual: falar pouco, fazer eventualmente e ter o mínimo de consequências possíveis”[[14]](#footnote-14).

Os meios digitais têm hoje uma importante incidência nos aspectos que, a partir das observações de Hélène Deltombe[[15]](#footnote-15), Miller chamou de “socialização sintomática”[[16]](#footnote-16). Estes meios propiciam identificações na formação de sintomas como a anorexia, a bulimia e o *cutting.* As redes que promovem a anorexia e a bulimia como estilos de vida e os numerosos *blogs* e *chats* nos quais adolescentes compartilham vivências e fotografias de sua experiência com cortes no corpo (*cutting*), contribuem sem dúvida para que estes sintomas se convertam em fenômenos epidêmicos nos quais muitos adolescentes permanecem fixados a uma posição de gozo da qual fazem seu modo de ser.

Em outra vertente, os meios digitais favorecem à formação de grupos, às vezes com laços libidinais fortes em torno de certo interesse comum (a música normalmente é um foco de atração, mas também causas sociais ou projetos culturais) e às vezes para orquestrar atos de agressão contra outros, funcionando na lógica da segregação, do ódio e da rivalidade imaginária. É o caso do chamado *cyberbullying,* mas também, às vezes, de graves agressões físicas.

Outro “lugar de encontro” que oferecem os meios digitais é o dos jogos *online*, que chegam a ser para alguns adolescentes o cenário privilegiado da vida. Em boa parte das vezes, não obstante, conhece-se muito pouco do companheiro de jogo e o vínculo normalmente é mais com o personagem do jogo que o companheiro encarna que com o sujeito que está detrás dele. Diferentemente dos vínculos presenciais que funcionam em uma lógica associativa (quer dizer, entre sujeitos, produzindo sentido), na virtualidade, e de maneira especial nos videogames – é comum que o que funcione seja uma lógica conectiva: elementos que se conectam sem a mediação de representações psíquicas.

No entanto, os meios digitais e a virtualidade não incidem unicamente no plano do vínculo com os pares.

Miller assinala a incidência da virtualidade em aspectos como a prolongação da adolescência, a mudança na relação com o saber (que antes passava por uma estratégia com o desejo do Outro). Haveria hoje, afirma, um autoerotismo do saber. Na lógica dos discursos, o discurso universitário coloca em vigência e no lugar da referência um saber anônimo e deslocalizado, pluraliza o saber fazer da tradição, subtraindo-lhe a consistência e substituindo-a pela ilusão de todo-saber virtual, um Outro como Google, sem presença corporal, mas onipresente. Umberto Eco recolhe algo desta incidência em uma pequena crônica na qual relata a situação de um adolescente que provoca seu professor dizendo-lhe: “Desculpa, mas na época da Internet, você, para que serve? ”[[17]](#footnote-17).

Miller aponta outros campos nos quais a incidência do virtual tem um efeito especial sobre os adolescentes. Destaca entre eles a decadência do patriarcado, devido ao impacto do discurso da ciência. Este discurso tem influenciado para que, via *gadgets* de comunicação, transmissão de saber e das maneiras de fazer dos adolescentes no diz respeito ao gozo, escapem à voz do pai de um modo geral.

Da mesma maneira, a destituição da tradição frente à incidência dos dispositivos sociais de comunicação.

1. **Para concluir**

O mundo das imagens nos meios digitais pressiona os adolescentes do mundo atual? Sem dúvida, com um convite permanente para livrar-se do falo. Imperam os adolescentes no mundo das imagens? Também, pois “o jovem’ está mais ligado ao consumo. Desde a Segunda Revolução Industrial “os grandes setores do aparato industrial se consagram a produzir para o consumo adolescente”[[18]](#footnote-18).

Depois de nos advertir que a vida *online* não é uma falsa vida, Marcus André Vieira, referindo-se à passagem da vida *online* à vida *offline,* introduz a pergunta sobre onde está para um sujeito os pontos de articulação e de passagem entre as duas vidas. Pontos de articulação e passagem necessariamente vinculados à economia de gozo de cada adolescente. E é lá, na possibilidade de construir uma borda e uma maneira de fazer com esse gozo inédito que emerge para cada um e gera desatinos, que cada *parlêtre* encontrará pontos de articulação e passagem ou, pelo contrário, a entrada em uma floresta pródiga em falsas promessas de que o impossível é possível.

É a clínica que, frente às novas manifestações que evidenciam o mal-estar do *parlêtre*, exige-nos situar nosso lugar como analistas diante do *parlêtre* “enredado”, capturado, submetido ao império de um campo como o virtual, que o seduz com sua promessa de gozo imediato sem divisão subjetiva. Apenas não se deve esquecer que no campo virtual o *parlêtre* falha, que os mal-entendidos que se evitam igualmente aparecem, que o impossível da relação sexual que trata de escamotear por meio da omissão do corpo nas telas se sintomatizam, pois no império das imagens o gozo toma o corpo de uma maneira ou de outra: como excesso, como falta ou como angústia. É precisamente frente a isso que “não anda” que a psicanálise tem condições de possibilidade. Márcia Mezêncio[[19]](#footnote-19) afirma que “a posição do analista aponta para um pragmatismo paradoxal no qual o *isso funciona* se desloca para um *isso falha,* mas falha de uma boa maneira, não se deixando enganar pela satisfação ilusória do mais de gozar...”.

Tradução: Gabriela Mansur

1. Adriana Chacín e Mariana Tulli são associadas da NEL-Maracaibo. Diego Tirado e Zulma Juchani são associados da NEL – Cochabamba. Nuris Martelo e Patrícia Montoya são associadas da NEL – Cali. Jaime Castro é membro da AMP e da NEL – Cali. Adolfo Ruiz é membro da AMP e da NEL – Medellín. [↑](#footnote-ref-1)
2. Miller, J.-A., En dirección a la adolescencia. Intervención de clausura de la 3° Jornada del Institut de l’Enfant “Interpretar al niño”, que tuvo lugar en el Palais de Congrès de Issy-Les-Moulineaux el sábado 21 de marzo de 2015. Disponible en francés en http://www.lacan-universite.fr/wp-content/uploads/2015/04/en\_direction\_de\_ladolescence-J\_A-Miller-ie.pdf [↑](#footnote-ref-2)
3. *Cfr*. Miller, J.-A., Una fantasía. En: Punto cenit: Política, religión y el psicoanálisis. Buenos Aires: Colección Diva, 2012. Pag. 37-54 [↑](#footnote-ref-3)
4. Cfr. Kurek, A., Virtualidad. En: Scilicet. El orden simbólico en el siglo XXI: No es más lo que era. Qué consecuencias para la cura. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2011. Págs. 363-365 [↑](#footnote-ref-4)
5. Vieira, M. A., La imagen y el cuerpo. En: Mediodicho. Revista anual de psicoanálisis. Publicación de la Escuela de la Orientación Lacaniana, Sección Córdoba. N° 40, Septiembre de 2014. Págs. 27-30 [↑](#footnote-ref-5)
6. Miller, J.-A. Prologo para Damasia. En: Amadeo de Freda, Damasia. El adolescente actual. Nociones clínicas. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA; Fundación CIPAC, 2015. Pág. 9. [↑](#footnote-ref-6)
7. Lacan, J., Prefacio a El despertar de primavera. En: Otros escritos. Buenos Aires: Paidós, 2012. Pág. 587 [↑](#footnote-ref-7)
8. Amadeo de F., D., El adolescente actual. Nociones clínicas. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA; Fundación CIPAC, 2015. Pág. 73 [↑](#footnote-ref-8)
9. *Cfr*. Freud, S., Cartas de Juventud. Barcelona: Gedisa, 1989 [↑](#footnote-ref-9)
10. Tarrab, M., El ojo bulímico y el lobo. Documento de Internet. Disponible en: http://oimperiodasimagens.com.br/es/faq-items/el-ojo-bulimico-y-el-lobo-mauricio-tarrab/ [↑](#footnote-ref-10)
11. Idem. [↑](#footnote-ref-11)
12. Miller, J.-A. En dirección a la adolescencia. Op cit. [↑](#footnote-ref-12)
13. Pfauwadel, A., "iPhone & iPad". En: Un Real para el siglo XXI: Scilicet. Olivos: Grama Ediciones, 2014. Pág. 408. [↑](#footnote-ref-13)
14. Cottet, S., El sexo débil de los adolescentes ¿sexo máquina o mitología del corazón? En: 12 estudios freudianos. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA; Fundación CIPAC, 2013. Pág. 73 [↑](#footnote-ref-14)
15. Deltombe, H., Salir de la adolescencia. En: Adolescencias por venir. Fernando Martín Aduriz (Comp.). Madrid: Gredos, 2012. Pág. 127 [↑](#footnote-ref-15)
16. Miller, J.-A., En dirección a la adolescencia. Op. cit [↑](#footnote-ref-16)
17. Eco, Umberto. ¿Para qué sirve un profesor? Documento de Internet: http://www.lanacion.com.ar/910427-de-que-sirve-el-profesor [↑](#footnote-ref-17)
18. Miller, J.-A., Prologo para Damasia. Op. cit. [↑](#footnote-ref-18)
19. Mezêncio, M., Adolescentes e o desatino do gozo. Documento de Internet. Disponible en: http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/textos/numero3/2.%20Adolescentes%20e%20o%20destino%20do%20gozo%20-%20M%C3%A1rcia%20Mezencio.pdf [↑](#footnote-ref-19)